

PREFÁCIO

Em “**Âmago da Amazônia**”, Carlos Antônio revela, com a magia de sua pena, a síntese dos costumes de um povo. As narrativas bem elaboradas, os diálogos ritmados, os desfechos inesperados e o regionalismo das expressões (que exigiram de Vicente Chermont de Miranda a elaboração de seu “Glossário Paraense”, com os vocábulos peculiares à Amazônia, especialmente a Ilha de Marajó), indicam, de maneira geral, os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de todos os outros. Teria assim esse grupo um valor de identidade social. Significa o modo de ser, o caráter, o comportamento do homem da Amazônia. Não de qualquer parte da Amazônia e, sim, daquela que lhe serviu de inspiração, por ter sido o palco onde desfilam suas mais encantadoras personagens.

Tonzinho Saunier, em “Várzea e Terra Firme” (Manaus/1990), já explicava o cenário de que se apossou o autor, para viajar entre rios e igarapés, terras firmes e várzeas, no rumo de uma Juruti fincada no passado: “Planícies verdes, campos gerais, pastagens naturais, alagadiços, imensos pantanais, murizais que se perdem do nascente ao poente. Bamburrais impenetráveis, ribeiros, furos e parana-mirins. Paranáas, enseadas, rebojos assustadores, pausadas, lagos imensos, terras caídas. Várzea que se volatiza no horizonte. Natureza bruta, onde o sucurijú espreita a capivara que se alimenta sob a vigília da coroca que frita na touceira de marajá... e o surucucu sutil e ligeiro como o vento, dá o bote certo no caboclo que desencova os ovos de tracajá. Nas margens dos alagadiços, o ‘maguari faminto’ com águas pelas canelas, flecha a sardinha que no priantã, busca o camarão. As garças se deleitam nos tinguijás nas épocas de friagens. Nas beiradas que se espraiam no verão, as marrecas chegam aos bandos, misturadas aos patos selvagens e guarás”. Com a floresta, o amazônida cultiva intimidades, hábitos e harmonias, pois esse conjunto de ações visam ao bem comum de determinada comunidade onde ele vive e convive. É a sua morada habitual enquanto “pessoa” cuja mãe é a própria natureza. O livro revela esse sentir e esse agir.

No texto, Carlos processou a atividade humana sob a forma de cultura, fazendo com que a regularidade própria dos fenômenos naturais fosse

transposta para a dimensão dos costumes de uma sociedade de hábitos simples e corriqueiros. São as enchentes, as vazantes, as farturas do verão e as “fomituras” do inverno, as camaradagens, os furtivos amores, os viventes e seus dramas, que permeiam sua acurada ordenação, observada por ele, no ciclo natural das coisas que por lá ocorrem (as marés, as fases da lua ou as conquistas amorosas, por exemplo).

Os costumes promovem a sua própria ordenação ao estabelecer normas e regras de conduta que devem ser observadas por cada um de seus membros. Sendo assim, até mesmo os incultos caboclos – juteiros, pescadores, lavradores, barqueiros – e os endinheirados regatões dos rios, compreendiam que o ribeirão habita um mundo de valores subjetivos próprios, mas que são todos daquele mesmo lugar, ainda que estejam num inóspito fim de mundo (onde mesmo fica o igarapé do Salé?). Nesses ermos reside a expressão normativa da sua própria existência. Embora constitua uma criação humana ou do inconsciente humano, tal expressão normativa pode ser simplesmente observada, como no caso das ações impulsionadas pelo hábito ou apenas refletida a partir de um distanciamento, desta vez consciente.

Fiquei muito à vontade para escrever este prefácio. Conheço desde a juventude o autor e com ele partilhei incontáveis experiências. Juntos, vivemos as hostilidades do clima, do ambiente quase insalubre, dos traiçoeiros igapós, das planuras sem fim das terroadas em ensolarados verões, o medo das serpentes venenosas e o testemunho pessoal da medonha cheia de 1953, que tanta desgraça impôs àquela gente acolhedora e simples das várzeas.

No emblemático Colégio São José, onde por quatro anos juntos estudamos, Carlos era um sujeito arredio, meio “na dele”, mas um amigo muito leal. Para mim, um dos melhores amigos, quase irmão. Comedido nas brincadeiras, sua arma letal era a fina ironia e uma inegotável disposição para a gozação, com a qual mantinha longe as hostilidades; era extremamente hábil nas aulas de desenho e arguto observador do que acontecia à sua volta. Tão versátil desenhista mostrou-se que virou brilhante arquiteto, com belos projetos doados à cidade que o acolheu como filho. Ensaiou suas primeiras publicações em jornais da terra e tomou gosto...

Há pessoas que escrevem obras inteiras e despontam para o anonimato. Carlos Antônio, um dos fundadores da Academia Artística e Literária de Óbidos (AALO), consagrou-se com seus contos sobre a

vida amazônica. Não é de seu feitio uma produção curta, apressada, que possa se confundir com a crônica ou o mero exercício do jornalismo. Ele trabalha seus textos jogando com o tempo e as personagens. Daí sua produção intelectual possuir grande densidade dramática e frequentemente um conflito, resolvido em surpreendentes desfechos. Com tais habilidades, hoje é famoso em todo o oeste paraense e no Maranhão, divulgando seus textos no site do dileto amigo, acadêmico, radialista e escritor Carlos Alberto Lima Coelho, onde o aplaude uma legião de cativos leitores espalhados em quase todo o Nordeste, tendo recebido do seu amigo e grande admirador, o escritor William Porto, o título informal de “Visconde de Óbidos”, de tanto que tornou conhecido o pequeno burgo em seus deliciosos textos.

Da sua magnífica obra eu diria como disse o maestro e escritor Wilde Fonseca, sobre o belo livro de Olindo Neves, “Cenas do interior da Amazônia”: – “Correções? Não as fiz por desnecessárias”. Ao contrário, subscrevo a ênfase por ele dada ao que temos de melhor e profligo, as chagas políticas e econômicas que nos atormentam e que sabemos muito bem quais são elas. Mas a despreziosa crítica não se contrapõe à expressão de Peregrino Júnior, ao prefaciá-lo “Terra Pauxi”, do mestre Francisco Manoel Brandão, com sua inovadora tese da “Apologia do Bairrismo”.

Como obidenses somos acusados, em especial pelos deseducados, desse suposto labéu. E daí, diria eu? Com historiadores, escritores, músicos, pintores, escultores e intelectuais como temos, quem não faria, no dizer do mestre, essa apologia do bairrismo ou do regionalismo? Foi de Peregrino Júnior, ainda, a expressão insuperável com que encerrou sua exortação: “Foi esse rio, subterrâneo e imenso, que fecundou o espírito de Francisco Manoel Brandão, inspirando os bonitos, os comoventes versos de ‘Terra Pauxi’ – essa louvação lírica da mais bela e mais ilustre cidade do Pará – a centenária cidade de Óbidos”.

Carlos recentemente presenteou os obidenses com o projeto e a construção da bela “Praça do Estreito”, homenagem à exígua passagem do rio Amazonas, o maior rio do planeta – a chamada “Passagem Heroica” – bem em frente à Cidade Presépio, como é carinhosamente conhecida. Agora o faz novamente ao escrever seu livro de contos, de narrativas vibrantes que nos guiam, prazerosamente, pelos intrincados dos igapós, lagos, igarapés, aningais e ribanceiras.

Nota-se, nas entrelinhas de seus relatos, a flexibilidade de alguns procedimentos que servem de base à dignidade da convivência humana,

mesmo quando seus atritos mais primitivos se desenrolam em contato com a natureza mais rebelde, cuja fisiografia continua em franca ebulição. Para tantas aventuras e dramas, torna-se “esse rio que é minha rua”, do festejado e genial poeta Ruy Paranatinga Barata, o laboratório predileto para os contos brotados de sua incrível imaginação.

O saudoso professor Otávio Mendonça, certa vez, aludiu, em uma palestra para advogados agraristas, que nas regiões dominadas pelas ferrovias, como foi São Paulo na primeira metade do século XX, o povo se dizia, para definir seus lugares de origem, “da Mogiana, da Sorocabana, da Noroeste; aqui (na Amazônia), o povo se diz do Guamá, do Tocantins, do Xingu, do Tapajós ou do Madeira e até, nos tempos da borracha, para resumir a região acreana, dos “altos rios”, englobando as bacias do Purus, do Juruá e do Javari”.

Carlos não deixa dúvidas sobre o pano de fundo de seus contos. O foco é no rio Amazonas e seus tributários, o Baixo Amazonas de incríveis peculiaridades e o seu bem-amado Paraná de Dona Rosa, pelo qual ele se derrama de amores a ponto de sugerir fosse chamado de “Uma Rosa de Paraná”, tamanha foram suas incríveis vivências em suas margens, tesos e igarapés, dos quais ele mesmo se incumbe da localização para permitir ao leitor neófito a compreensão do “verde vago mundo” do escritor alenquerense Benedito Monteiro, num ingente esforço para individualizar os lugares onde acontecem os fatos (como falar do igarapé São Francisco, se na Amazônia, com vocação continental, existem tantos outros com o mesmo nome?).

Irão apreciar este livro, de contos eivados de desfechos bruscos e imprevisíveis, em especial os que deixaram para trás uma época em que as mulheres tingiam seus vestidos com tintol preto em sinal de luto enquanto os homens ostentavam o “fumo” no peito e uma fita preta no chapéu, chorava-se a solidão ou apreciava-se o luar no “copiar” da casa e as moças casadoiras languidamente suspiravam pelos seus príncipes encantados, que até elas chegavam nos barcos da linha, em imponentes regatões ou precariamente remando em frágeis igarités, labiosos e pávulos, ardendo de paixão nas entranhas, sabe-se lá com que boas ou malévolas intenções, escorados na má fama do boto como álibi infalível.

Por fim, eu diria sem receio de errar que o autor não escreveu suas histórias apenas para compor esta magnífica e inédita obra. Ao contrário, fez dela, estudada e intencionalmente, um capítulo grandioso da História desta vasta e incompreendida Amazônia, que pelo seu avantajado talento na arte

de contar, sua indiscutível qualidade literária e excepcional riqueza cênica ficará marcada para sempre na memória de quem a ler.

Belém do Pará, 23 de janeiro de 2012.

Célio Simões de Souza*

PS.: Carlos Antônio me entregou os textos encadernados no fim de 2011, em visita que fez ao meu escritório de advocacia em Belém, solicitando-me o prefácio. Para atendê-lo, no mês seguinte ulimei o exórdio, aqui mantido com a mesma data em que foi redigido em 2012. Sua repentina morte meses depois o privou de ter de volta a obra já prefaciada, que agora ganha a forma duradoura de um livro, desta vez acrescido dos contos que ele havia publicado no site <http://www.limacoelho.jor.br> (tempos depois invadido e extinto pela ação de hackers), guardados cuidadosamente que foram por mim em arquivo digital, na esperança de um dia serem editados. Seu irmão Augusto Cezar Barbosa da Silva generosamente tornou possível esse antigo sonho.

MEU AMIGO CARLOS ANTÔNIO

Ouvi falar pela primeira vez sobre o Carlos Antônio Barbosa da Silva, na época em que ambos éramos ainda moleques traquinas e tínhamos como nosso habitat preferido os igapós fechados, os campos e as beiradas ribanceirosas do lendário Paraná da Dona Rosa. Morávamos no mesmo paraná, mas nunca tive contato nenhum com ele, quando criança. Nossas casas eram distantes, digamos, umas duas horas de remo, porque, naquelas paragens e ainda hoje, se mede distância pelas horas de canoa ou a cavalo, dependendo se for no tempo de cheia ou da estiagem.

Por tudo isso e com justa razão, em tom de pura brincadeira, o Carlos sempre dizia que a gente não podia mesmo ter se conhecido: – “Eu era morador do lado de cima e tu do lado de baixo, lugar onde a gente não se aventurava, porque ali era território importante e exclusivo dos Amaran”. O boato que nos chegava era que, no meio daquela pirralhada do seu Carlos Silva e da dona Antonica, havia um curumim ladino, o mais velho deles, com uma facilidade incrível de desenhar tudo o que via pela frente, fosse um boto, peixe-boi, uma ariramba com peixe no bico, a serenidade de uma

garça, uma paisagem e até gente.

Uma vez, em Óbidos, com meus treze anos e de férias escolares do Dom Amando, eu passava pela casa do Célio Simões, na Bacuri, e vi os dois sentados na calçada da frente, onde ficava a casa do seu Carlos Silva. Fui falar com o Célio e ele me apresentou o Carlos Antônio, com quem tive uma ligeira conversa, tempo suficiente para ouvir umas duas lorotas engraçadas sobre caboclos. Depois só voltei a encontrá-lo alguns anos depois, em Belém, quando eu frequentava as festas que aconteciam na Casa do Estudante, em um prédio antigo da avenida 16 de Novembro. Ele estudava arquitetura e era um dos moradores da casa. Eu, estudante de engenharia, costumava frequentar aquelas animadas tertúlias dançantes, porque estavam ao alcance do meu bolso e porque lá se podia encontrar algumas universitárias interessantes e tão necessitadas quanto nós.

No final dos anos 1970, a mosca da literatura me ferrou e eu comecei a alinhar algumas crônicas e contos, que guardava na gaveta por não ter onde publicar. Um dia, por sugestão da minha mulher, resolvi juntar esse material em um volume e inscrevi no concurso de contos da Academia Paraense de Letras. Para minha surpresa, ganhei menção honrosa, um elogio do mestre Ildefonso Guimarães e o convite para colaborar no jornal PQP, do comendador Raimundo Mário Sobral. Foi durante essa época que eu voltei a esbarrar no Carlos Antônio. Eu era sócio de uma empresa de engenharia, ele de outra e acabei como seu fornecedor, alugando andaimes metálicos para suas obras. Sabendo que eu colaborava no PQP, um dia ele me entregou uns escritos datilografados para eu avaliar. Foi uma agradável surpresa, pois nunca imaginei que o Carlos também curti a literatura. Li tudo e fiquei muito impressionado com o estilo e conteúdo da sua escrita. Cheguei a me oferecer para apresentá-lo ao Sobral, mas ele me disse que aquilo era apenas um hobby.

Um dia resolvi passar de patrão a empregado de uma grande empresa e perdi contato com o Carlos. Depois fiquei sabendo que ele tinha se mudado para o Rio de Janeiro, onde tinha interesses em uma empresa de engenharia. Uns seis anos depois, meu patrão me ofereceu uma excelente oportunidade gerencial para ir trabalhar no Projeto Jari e lá fui eu. Com uma carga muito intensa de responsabilidade, resolvi dar um tempo nos meus projetos literários e me joguei de cabeça no trabalho. Uma sexta-feira, como sempre acontecia, fui encontrar com uns amigos no Clube Arejar. Era um local onde todo mundo se juntava para colocar os assuntos em dia, mas, nessa noite, mal adentro no ambiente, dou logo de cara com o Carlos Antônio, que papeava com um sujeito em uma mesa. O acompanhante era seu mestre de obras e ele me disse que ia passar uns tempos em Monte Dourado, pois tinha ganhado uma obra importante na Companhia do Jari.

Esse encontro de dois ex-curumins do Paraná da Dona Rosa, nas longínquas plagas do Jari, foi um passo importante para consolidar ainda mais nossa amizade. Ambos estávamos distantes de Belém e das nossas famílias, onde eu passava um fim de semana a cada quinze dias e o Carlos sempre que os atropelos naturais do trabalho lhe permitiam. Eu morava sozinho em uma casa com três suítes e convidei o Carlos para se alojar em uma delas, onde ele chegou a dormir algumas vezes durante os seis meses que duraram sua obra. Nesse tempo de convivência, pude avaliar melhor o grande ser humano e o baita talento literário que se escondia por trás do criativo arquiteto. O texto do Carlos tem DNA único, é linguagem

interiorana, sim, mas sem descambar para um regionalismo piegas e sem a rasteirice de patinar no tijuco, como ele próprio dizia. Seu olhar sobre o nosso mundo de Baixo Amazonas tinha um quê de diferente, como se ele estivesse postado no alto e vendo cada detalhe com a perspicácia do seu talento e habilidade da sua escrita concisa.

Quatro anos depois terminei minha missão no Jari e retornei a Belém, voltando a encontrar o Carlos. Passamos a mandar algumas colaborações para a Folha de Óbidos e ele, junto com a Letícia e filhos, uma vez nos deram o prazer de um divertido Natal em minha casa. Por essa época, resolvi que era hora de partir para um projeto literário mais ambicioso e pensei na trilogia que começou com Catalinas e Casarões. O Carlos também andou me mostrando parte de um romance que estava alinhavando e queria minha opinião por achar que tinha exagerado na quantidade de diálogos. Não sei se ele engavetou ou abandonou de vez esse projeto, mas quando concluí meu livro e me via diante das dificuldades de edição, o Carlos veio em meu socorro e, junto com o filho Yuri, me apresentou cinco opções de capas. Gostei de todas e, por fim, a vencedora foi escolhida por uma votação em família.

Foram tantos os elogios recebidos, que o Carlos Antônio passou a ser o criador das capas dos outros livros que viesse publicar e assim também aconteceu com *Sementes do Sol*. Trocamos ideia e ele me convenceu de preencher de vermelho a letra O, da palavra SOL, numa representação estilizada da bandeira do Japão, a terra do sol nascente, tendo como pano de fundo a foto bem aproximada de um plantio de juta. Tudo a ver com a concepção do livro.

Uma vez o Carlos apareceu em casa com uns papéis debaixo do braço e me disse que estava feliz por realizar o sonho de construir a Praça do Estreito. Estendeu os papéis sobre minha mesa, me mostrou o projeto e deixou uma cópia comigo. Do mesmo modo ele confiou ao Célio Simões os textos que compõem este livro. Uma semana antes de baixar no hospital, eu estivera com ele em Abaetetuba. Fizemos uma viagem tranquila e de mil conversas. Atravessamos até o Arapari, na balsa, visitamos sua fábrica de ladrilhos, almoçamos numa peixaria e nunca podia imaginar que ele estivesse a ponto de cair doente. Ainda lhe fiz uma visita no dia em que foi internado e o achei debaixo de um grande sofrimento. Uma noite, a Letícia me ligou em prantos, comunicando que o pior tinha acontecido, o que, de certa forma, nós, seus amigos, já esperávamos. Eu estava em um aniversário na casa do meu irmão e corri para o hospital. De lá liguei imediatamente para o Célio Simões, que ficou consternado e, mesmo naquela hora difícil, juramos o compromisso de um dia publicar seus escritos. É o que Deus nos

permite fazer agora, graças ao apoio financeiro do seu irmão, nosso amigo Augusto Silva.

Tudo se concretizou numa luminosa manhã de julho de 2019, quando passávamos alguns dias saborosos da festa de Sant’Ana, em Óbidos, e o Augusto Silva nos levou para uma roda de boa conversa e tira-gosto de pirarucu, no aprazível Curuçambá. Éramos apenas nós à sombra das árvores, acompanhados pelos cantos dos passarinhos e pelo agradável e insistente bulício da correnteza. Participaram e são testemunhas daquela conversa, o próprio Augusto, eu, Célio Simões, seu filho Celito e Dino Priante.

Hoje, mais um sonho do Carlos se realiza com o lançamento do livro, porém, mais do que nunca, sinto-me como seu órfão. É o momento crucial da edição do meu novo romance, *Temporal de Cima*, e estou sem o amigo a quem eu confiava a criação das minhas capas. A do último, *Sementes do Sol*, ele não teve tempo de curtir, pois, quando do lançamento do livro, ele já tinha nos deixado. Da sua ausência ficou um imenso vazio que eu procurei minorar através de um agradecimento que lhe fiz no livro: “Ao saudoso e inesquecível amigo, arquiteto Carlos Antônio Barbosa da Silva, que emprestou seu imenso talento para criar o design da capa e esteve presente em todas as etapas deste projeto. Em certo momento, quando a insegurança se acercou de mim e quase me fez desistir, foi dele que veio o estímulo que eu precisava para continuar em frente”.

Agora, Carlos Antônio faz projetos no céu.

Ademar Ayres do Amaral

Belém, 30 de agosto de 202

